

# *Ensino de filosofia e TIC: experiências do PIBID*

## **Teaching philosophy and ICT: PIBID**

## **Enseñanza de la filosofía y las TIC: las experiencias PIBID**

Simone Becher Araujo Moraes<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Licenciada em Filosofia; Especialista em Tic na educação e Mestre em Educação; UFSM, simonebechemor@gmail.com

Elisete MedianeiraTomazetti<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Licenciada em Filosofia, Doutorado em Educação e Prof<sup>a</sup> Programa de Pós-Graduação – UFSM, elisetem2@gmail.com

### **Resumo**

Este trabalho é fruto da pesquisa de mestrado junto ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo é a problematização das questões relativas aos limites e possibilidades de refletir, debater e utilizar as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) no ensino de filosofia. As materialidades foram: análise bibliográfica e realização de grupos focais. A parte bibliográfica consistiu na análise dos artigos produzidos por pesquisadores do ensino de filosofia da região Sul do Brasil, publicados nas dez edições do “*Simpósio Sul-brasileiro Sobre Ensino de Filosofia*” e na consulta e análise de algumas obras de filósofos das TIC. A parte dos grupos focais consistiu na análise e discussão das falas produzidas por bolsistas que fizeram parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no ano de 2012 e que desenvolveram oficinas em duas escolas de ensino médio de Santa Maria/RS, sobre a temática: “*O Homem e a tecnologia no século XXI*”. Destacamos como resultados: a contribuição do programa PIBID para formação inicial e continuada dos professores de filosofia; o movimento de pensar filosoficamente sobre as questões acerca da realidade da atual escola que apresenta certas resistências à chegada do novo e deste novo aluno que está imerso na cultura do virtual. A pesquisa pretende ser uma contribuição para as discussões filosóficas sobre a temática das TIC na aula de filosofia.

**Palavras-chave:** Ensino de filosofia. PIBID. Filosofia. TIC. Ensino Médio.

### **Abstract**

This work is the result of master's research in the Post -Graduate Education program from Universidade Federal de Santa Maria. The aim is to problematize the issues of limits and possibilities to reflect, discuss and use the Information of Communication Technology (ICT) in philosophy teaching. The materiality were literature review and focus groups. The literature review concerns the analysis of the articles produced by researchers of teaching philosophy from the south of Brazil, published in ten editions of the "South-Brazilian Symposium about Teaching Philosophy", also in the review and analysis of some works of philosophers of ICT. With focus groups, conducted the analysis and discussion of the speeches from scholars who were part of the Scholarship Program Initiation to Teaching (PIBID) in 2012 and developed workshops in two high

schools in Santa Maria / RS, on the theme: "Man and technology in the twenty-first century." The results of this research are the contribution PIBID program for initial training and continuing education of philosophy teachers; the movement of thinking philosophically about the issues concerning the reality of the current school that has certain resistance to the new arrival and this new student who is immersed in the culture of the virtual. These research intents to be a contribution to philosophical discussions about the topic of ICT in philosophy class.

**Keywords:** Philosophy teaching. PIBID. Philosophy. ICT. Secondary school.

### **Resumen**

Este trabajo es el resultado de una investigación de maestría en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Santa Maria. El objetivo es problematizar las cuestiones de límites y posibilidades para reflexionar, discutir y utilizar las tecnologías de la comunicación (TIC) de la información y en la filosofía de enseñanza. Las cuestiones materiales fueron: revisión de la literatura y la realización de grupos focales. La parte la literatura fue el análisis de los artículos producidos por la enseñanza de investigadores en filosofía en el sur de Brasil, publicado en diez ediciones del "Simposio Sur-Brasileño de enseñanza de la filosofía" y la consulta y el análisis de algunas obras de los filósofos de las TIC. Una parte de los grupos de discusión fue el análisis y discusión de las declaraciones realizadas por los académicos que participaron en el Programa de Becas Institucionales Introducción a la enseñanza (PIBID) en 2012 y talleres desarrollados en dos escuelas secundarias de Santa Maria / RS, sobre el tema: "El hombre y la tecnología en el siglo XXI". Destacamos los siguientes resultados: la contribución del programa PIBID para la formación inicial y continua de los profesores de filosofía; el movimiento de pensar filosóficamente sobre las cuestiones relativas a la realidad escolar actual que tiene cierta resistencia a la llegada de la nueva y esta nueva estudiante que se encuentra inmerso en la cultura virtual. La investigación es una contribución a los debates filosóficos sobre el tema de las TIC en clase de filosofía.

Palabras clave: Enseñanza de la filosofía. PIBID. Filosofía. TIC. Escuela secundaria

## **INTRODUÇÃO**

A necessidade de uma formação de professores de filosofia é urgente para ajudar a compreender quais as formas e acionamentos da filosofia juntamente com a sua tradição e suas formas de filosofar, para o ensino dos jovens do ensino médio. Esse ensino carece efetivamente realizar a atividade de compreender, participar e criticar de forma mais séria tanto a filosofia do passado como a do presente, e, em consequência filosofar sobre o mundo em que se está inserido (OBIOLS, 2007).

Com a crescente emergência das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), as criações filosóficas atuais ganham uma nova forma de expressão, uma nova roupagem e novas formas de percepção, sobretudo, com a facilidade do compartilhamento da informação e do conhecimento cada vez mais aberto e fluído.

A partir da análise das produções de alguns dos principais pensadores do ensino de filosofia, filósofos e pensadores das TIC, bem como da pesquisa com Grupos Focais com bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria, procuramos aqui compreender sobre possibilidades e os limites das TIC no ensino de Filosofia e no modo como podemos pensá-las nas práticas educativas e filosóficas, de maneira a irmos além de uma concepção instrumental.

## **Ensino de filosofia e as tic**

A principal fonte bibliográfica desta pesquisa foi um conjunto de livros publicados entre os anos de 2001 e 2010 originários do Simpósio *Sul-brasileiro Sobre Ensino de Filosofia*. Estes livros, contém artigos que versam sobre a temática das TIC e o ensino de filosofia durante a primeira década do ano dois mil.

Foram utilizadas também, obras de alguns pensadores das TIC: Pierre Lévy (1994, 1998, 1999), Jesús Martín-Barbero (1999), Paul Virilho (1998, 1999, 2001), Manuel Castells (2005, 2011) entre outros.

Em função da constante evolução das TIC e da cultura da internet, com todas as suas potencialidades de interação, comunicação e informação, o professor de filosofia vê-se implicado em uma situação que demanda o enfrentamento de alguns impasses de cunho didático-pedagógico. Uma postura desejável do professor de filosofia no contexto atual, seria o domínio, a clareza e a segurança tanto da história da filosofia e dos principais problemas filosóficos bem como a capacidade de articular esta tradição com as questões que “(...) emergem do contexto do mundo vivenciado pelos educandos e pelo universo da cultura” (MÜLLER & EITERER, 2003, p.275).

Conforme Palácios (2005), o universo cultural em que estamos imersos e em especial os alunos que são mais jovens, está cada vez mais tecnológico e mediado pelas mais variadas formas de TIC. Entretanto, as TIC não são unidirecionais e não possuem, de

fato, dinâmica própria. Elas são nada mais, nada menos do que processos sociais e criações humanas. É preciso um esforço no sentido de estudá-las para compreender de uma forma mais complexa seus reais impactos na nossa sociedade, e, principalmente, nas relações de ensino e de aprendizagem (PALÁCIOS, 2005).

De acordo com Oliveira (2008, p. 108):

(...) vemos a relação entre meios massivos e a escola de ensino médio. Esta (...) tem de aceitar a tarefa da busca de novas formas de estabelecer mediações entre seus alunos e um universo de imagens que lhes cercam diariamente – o que não significa, por outro lado, abandonar a cultura escrita. Trata-se, pois, de não se cair no discurso da negação, rejeitando completamente o novo cenário cultural que se nos apresenta, tal como se a cultura midiática e a cultura escolar representassem dois campos opostos e inconciliáveis.

Não se trata de abandonar as formas mais tradicionais de ensinar e aprender filosofia, caracterizadas pela: utilização do livro, da escrita no papel, do pensar, do memorizar e do estudo da história da filosofia. Trata-se, de fomentar nos professores a disposição de pensar em novas proposições para o estabelecimento de outras formas de realizar as mediações entre a tradição e a realidade do aluno, sem deixar de lado a cultura da leitura e da escrita, sem “demonizar” as TIC, mas, quem sabe, tornando-as uma ferramenta para a dinamização do exercício do pensar filosófico.

Assim como os livros impressos ou a escrita no papel, os ambientes virtuais e as TIC em geral, também podem configurar-se em ferramentas, meios e recursos para ensinar e aprender filosofia e servirem de aliados para exercícios de leitura e escrita filosófica. As TIC, podem exercer o papel de mediadores entre o discurso escrito e o falado, sendo que essas ferramentas se inserem entre eles e compartilham aspectos das duas modalidades, configurando-se em uma experiência de construção coletiva do conhecimento (IBERTIS, 2006).

Na visão de Boettcher (2004), com ampla utilização das TIC, cada vez mais o texto tem passado a ser *hipertexto*, sem que necessariamente sua tecnologia tenha se tornado obsoleta. Da mesma maneira que a escrita reconfigurou a oralidade, as TIC têm modificado e também ampliado a escrita, pois incorporam características que as anteriores já continham, como a escrita e até mesmo a oralidade. Para Ibertis (2006), a internet é capaz de recriar, em termos de discussões filosóficas, a interação e as mesmas condições da praça

pública (como na Grécia antiga, por exemplo), com rapidez na circulação da informação e no alcance global que ela passa a ter, além de possibilitar o diálogo e o debate de ideias.

Embora as argumentações mostrem uma perspectiva positiva e bastante otimista sobre a possibilidade da inclusão das TIC no ensino de filosofia, tais questões não se apresentam, de todo modo, resolvidas ou tranquilas, principalmente para alguns filósofos da informação e da comunicação. Paul Virilio<sup>1</sup>, cujo pensamento se desdobra de forma crítica sobre o tema, em uma entrevista para *O Globo*, em 1998, diz acreditar ser necessário compreendermos as faces negativas de tal revolução tecnológica, uma vez que as positivas são as que mais se mostram. Segundo ele, não existe, uma neutralidade das tecnologias da informação e leitura tal como conhecemos e praticamos, está em declínio questionando: “Como não se surpreender com o declínio da leitura, com a falta de respeito ao saber acumulado nas páginas dos livros, com o declínio da escrita em benefício do oral ou, ainda, com a preeminência da imagem sobre o texto?” (VIRILIO, 1999, p.60).

Edson Jacinski (2004) traz algumas reflexões sobre a emergência da cultura audiovisual “(...) que nos leva a pensar sobre a intersubjetividade humana, bem como sobre o conhecimento” (JACINSKY, 2004, p.10). Pois, a cultura audiovisual acaba por gerar um impacto significativo sobre nossa percepção de mundo, nos exigindo uma perspectiva educacional que possibilite a navegação e vivência dentro dela, de maneira crítica, mesmo tendo como modelo pedagógico o iluminista, que ainda é muito presente em nosso sistema educacional e que se mostra insuficiente para dar conta da nova ecologia cognitiva emergente (JACINSKY, 2004).

Um dos questionamentos que se pode fazer, frente a este contexto, é sobre como o ensino de filosofia pode acontecer no cenário contemporâneo e evitar o caráter monológico de emissão/recepção para aderir às dimensões interativa e dialógica que são impulsionadas pelas TIC sem, no entanto, adentrar num possível caos discursivo em meio a este turbilhão de informações ao qual estamos diariamente expostos.

O ensino de filosofia consiste na prática do diálogo, que tem origem no pensamento livre e autônomo. O diálogo é colaborativo e “Ensinar filosofia é ensinar o diálogo”

---

<sup>1</sup>Paul Virilio é um filósofo, urbanista francês, arquiteto, polemista, pesquisador e autor de vários livros sobre as tecnologias da comunicação.

(CÂNDIDO, 2005, p. 218). O *diálogo filosófico*<sup>2</sup> desenvolveu-se até os dias de hoje a partir de três técnicas linguísticas: a primeira na época mais antiga com a linguagem oral; a segunda com o surgimento da escrita e, nos dias atuais, com o diálogo hipertextual. E “com a emergência do hipertexto digital, o *logos* desterritorializa-se da página impressa e dota-se de novos instrumentos vivos e flexíveis; ganha uma nova vida, uma nova dinâmica à velocidade da luz” (Idem, p. 220).

Visualiza-se atualmente o movimento da grande inteligência coletiva previsto por Pierre Lévy (1998), nos coloca em uma época em que todos aqueles que desejam engajar-se no diálogo filosófico podem fazê-lo, quer seja na academia, quer fora dela, pois a internet possibilita o diálogo filosófico para além dos livros e salas de aula presencial, basta “(...) se apropriarem criativamente da admirável rede do *logos* dialético hipertextual que unifica a mente humana em sua infinita riqueza e diversidade” (CÂNDIDO, 2005, p. 225). Em contrapartida vive-se hoje choque cultural entre as formas tradicionais do ensino de filosofia e as novas formas de interações digitais que pressupõem que todo trabalho é coletivo. “(...) a era digital não rompe com a tradição, mas sim com o tradicional” (BRAIDA, 2010, p. 61).

## **A escola, o aluno e o professor de filosofia e as tic**

No campo educacional as mudanças tecnológicas, principalmente do âmbito da TIC vêm impondo a necessidade de várias adaptações, atualizações e revisões nas práticas pedagógicas. As TIC estão sendo de forma bastante lenta, introduzidas, tanto materialmente quanto conceitualmente, nas práticas escolares e nas reflexões sobre estas práticas.

Fora da sala de aula convencional, a linguagem digital ou audiovisual, desempenha já há algum tempo, o papel de uma nova forma de representar o conhecimento e passa a conviver com as mais tradicionais formas de linguagem, ou seja, forma oral e escrita. Os últimos anos são marcados por inúmeras reformas educacionais que propõem uma

---

<sup>2</sup> Diálogo em filosofia, representa, primeiro em Sócrates, depois em Platão, o processo de busca da verdade através de perguntas e respostas. Fonte: Infopédia (2013).

perspectiva educacional que seja mais condizente com a nossa sociedade em constante transformação e que hoje é denominada por muitos de “*sociedade tecnológica*”. Não obstante, sob a perspectiva do mero discurso contido nos decretos e projetos das reformas educacionais, não é possível que se tenha uma transformação imediata na escola. Por ora, não é nem mesmo possível de falarmos sobre um discurso que está na disputa do poder para nomear uma nova realidade emergente. Esta discussão está para além dos campos acadêmicos, pois é política, ou seja, estas questões são abordadas nas dinâmicas sociais do poder.

Entretanto, este discurso que diz respeito à urgente *tecnologização* das nossas escolas, aos poucos constrói a legitimação das ações governamentais sobre a educação. Sabemos, portanto, que a efetiva implantação das TIC na educação, não significa somente a instalação dos suportes técnicos e físicos, mas que ela carrega consigo as epistemologias sociais que irão bater de frente com as diferentes realidades das escolas espalhadas pelo Brasil.

São necessários portanto, o estudo, a reflexão e o debate sobre os pressupostos pedagógicos, políticos, filosóficos e tecnológicos que hoje movem esses discursos das políticas educacionais, para que possamos ter uma compreensão mais ampla sobre as implicações das TIC nas relações de ensino e de aprendizagem. Precisa ser pensado sobre até que ponto elas estão sendo implementadas com sucesso no sentido de uma construção de saberes efetiva e não apenas no nível da instrumentalidade.

### **O aluno e as TIC**

Os jovens da atualidade são muito diferentes dos jovens do passado em vários aspectos. Não apenas em termos de vestimentas, enfeites e gírias. Segundo Prensky (2001), houve uma descontinuidade ou singularidade, causada pela chegada e rápida difusão da tecnologia digital na última década do século XX. Toda uma gama de aparatos tecnológicos faz parte desta geração desde o berço, e a maneira como o pensamento e o processamento e organização de informações são realizados, são totalmente influenciados por essa nova realidade tecnológica. Eles fazem parte da primeira geração

imersa quase que totalmente na tecnologia, fator que confirma a tese McLuhaniana de que os meios são extensões do homem (LEMOS, 2009).

O grande problema que a educação enfrenta hoje, segundo Prensky (2001, p.2) “(...) é que os nossos instrutores *Imigrantes Digitais*, que usam uma linguagem ultrapassada (da era pré-digital), estão lutando para ensinar uma população que fala uma linguagem totalmente nova”.

Conforme Jerusalinsky (2004, apud OLIVEIRA, 2008), a juventude que está atualmente nas escolas brasileiras tem se tornado protagonista das alterações que vivemos. Podemos perceber nesta juventude, diversos aspectos incorporados do contexto social mais amplo. Daí a necessidade de não reduzirmos estes jovens à categoria de meros alunos, mas sim, buscar privilegiar suas falas, formas de agir e pensar, a fim de não negligenciarmos essa diversidade cultural juvenil que por sua vez, sofre influência da mídia, bem como a influência (FISCHER, 2005 apud OLIVEIRA, 2008).

### **O professor de filosofia e as TIC**

A formação do professor de filosofia, na maioria dos casos, se dá com o foco nos conteúdos filosóficos propedêuticos, ou seja, nos conteúdos, que dizem respeito à história da filosofia e às obras que trazem o pensamentos dos filósofos. Uma formação calcada na maior parte do tempo em conteúdos propedêuticos traz ao futuro professor de filosofia, em formação, a possibilidade de este desenvolver algumas competências muito restritas à área da filosofia, dando um tom muito forte de bacharelado à licenciatura.

Ao defrontar-se com o desafio de um estágio, na medida em que o acadêmico de licenciatura em filosofia sabe que ficará frente a frente com seus alunos do ensino médio, este já sente necessidade de mais aprofundados conhecimentos das áreas relativas à prática didático-pedagógica

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena – CNE/CP1, de 18 de fevereiro de 2002, um dos preparos básicos para a atividade docente é o uso de tecnologias da informação e da comunicação (TIC) e de metodologias estratégicas e materiais inovadores. Não obstante, na prática, são raras ou até mesmo inexistentes as



disciplinas dos cursos de formação de professores de filosofia que desenvolvem essas competências tão importantes dentro do contexto atual.

A carência de conhecimentos que dizem respeito ao desenvolvimento das competências didático-pedagógicas e em utilizar as TIC na prática pedagógica se configura em um dos mais novos paradigmas dentro do próprio curso de licenciatura de filosofia.

Atualmente, algumas políticas para a formação inicial e continuada de professores vêm sendo implementadas pelo governo e, dentre essas políticas, procuramos destacar o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência(PIBID).O PIBID tem atingido muitas das metas estabelecidas em sua origem, demonstrado ser de grande valor para os cursos que formam professores no Brasil. Criado pela CAPES, o PIBID tem como principais objetivos a valorização do magistério para que mais acadêmicos escolham a carreira docente; elevação da qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial dos professores; inserção dos licenciandos no contexto escolar para uma maior integração entre a escola e a universidade, e, da mobilização dos professores das escolas básicas como co-formadores dos futuros professores.

Sobre a questão da formação docente, Marçal & Cruz (2012, p.8) afirmam ser o PIBID:

“(...) uma forma outra de experienciar a prática pedagógica ganha novo olhar, nova roupagem e, acima de tudo, a possibilidade de transformar-se em fissura, vazamento, tensionamento e resistência de todos os envolvidos no processo formativo

No caso da licenciatura em filosofia da UFSM, o PIBID tem sido um dos grandes aliados na formação dos futuros professores, uma vez que, por meio do programa, os alunos tem uma maior oportunidade de vivência dentro da escola básica antes de iniciar até mesmo o estágio curricular, previsto na grade curricular do curso. De acordo com Tomazetti (2012, p.9) esses objetivos do PIBID “Vieram ao encontro do que historicamente carecíamos e reivindicávamos no contexto dos cursos de licenciatura em especial, do curso de licenciatura em filosofia da UFSM”.

No ano de 2012, os bolsistas PIBID, juntamente com as duas escolas estaduais parceiras, tiveram a oportunidade de trabalhar sobre as questões das TIC por meio do projeto “O Homem e a tecnologia no séc. XXI”. A seguir a breve análise das falas dos grupos

focais compostos por alguns dos participantes do projeto PIBID no ano de 2012 juntamente com as considerações pertinentes.

## **Reflexões a partir dos grupos focais**

A escolha da técnica de Grupos Focais se deu em função da possibilidade de captação das principais formas de acionamento do pensamento acerca da experiência que o grupo viveu de uma forma espontânea e reflexiva. Foram escolhidos sete (07) bolsistas PIBID da licenciatura em filosofia da UFSM que participaram do projeto PIBID e dos debates, estudos e oficinas relativos ao projeto “O Homem e a tecnologia no séc. XXI” realizadas ano de 2012 com os alunos do ensino médio de duas escolas estaduais de Santa/RS.

Para a realização do projeto, os participantes do projeto realizaram um forte movimento de pesquisa e reflexão sobre a questão das tecnologias e a relação do homem com as mesmas. Estudos e debates foram realizados nas reuniões dos bolsistas PIBID. O mesmo ocorreu durante as oficinas com os estudantes nas duas escolas participantes.

Segundo os participantes dos grupos focais, a escolha do tema “O Homem e a tecnologia no século XXI” do projeto PIBID, em 2012, foi feita em conjunto e em comum acordo entre os bolsistas e a coordenadora do projeto durante uma das reuniões do grupo. Os bolsistas levaram o tema proposto para deliberação na escola, a fim de que os jovens e as professoras supervisoras<sup>3</sup> demonstrassem ou não interesse em trabalhar com o tema proposto e também apresentassem suas preferências de enfoque e direcionamentos. Podemos compreender melhor o processo por meio da seguinte fala:

*A escolha da temática foi em consonância com os bolsistas e com as escolas que nós estávamos participando, em diálogo com as professoras e visualizando os interesses dos alunos também. A gente viu que este era um tema pertinente. (...) Este é um tema que perpassa todas as relações que a gente estabelece com o mundo e entre as outras pessoas e conosco mesmo né? A questão da tecnologia faz parte de todo processo histórico de construção do que a gente é hoje e com a qual a gente questiona como seria o mundo com*

---

<sup>3</sup> O projeto PIBID prevê um professor supervisor responsável pelas atividades do grupo. Esta professora faz parte do quadro de professores da escola e além de coordenar as atividades dentro da escola, também participa das reuniões semanais do grupo na Universidade.

*menos tecnologia. As pessoas tem dificuldade até de imaginar como poderia ser, pois é algo tão impregnado na nossa vida. Então de colocar isso em questão eu acho que foi algo fundamental tanto pro PIBID quanto para as escolas que fizeram parte desse momento de reflexão (Sueli, grupo 1<sup>4</sup>).*

Percebemos na fala acima que às TIC é delegada uma importância e centralidade, construída pelos próprios sujeitos que dela se utilizam e que na medida em que se apropriam, interagem e criam a partir delas, constituindo assim suas condições de existência, ou seja, seus modos de ser, ver e pensar o seu entorno. Este comportamento aparece claramente na frase extraída do excerto acima: “*As pessoas têm dificuldade até de imaginar como poderia ser, pois é algo tão impregnado na nossa vida*” (Sueli, grupo 1).

De acordo com Palácios (2005), começa a aparecer um novo tipo de cultura, caracterizada por uma situação em que a própria realidade de experiência simbólica e material das pessoas é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de “*imagens virtuais*” do mundo, onde as representações estão para além das telas comunicadoras das experiências e são a própria experiência.

De acordo com as falas dos participantes dos grupos focais, existe uma carência de reflexão sobre a realidade tecnológica em que estamos inseridos de forma geral. A falta de reflexão faz com que a maioria das pessoas perceba as TIC como algo exterior à elas, como parte de um mundo que não existe, mas, que de certa forma, está presente. Lévy (1999), afirma que a questão não é necessariamente apenas avaliar o impacto das tecnologias, mas também de situar as irreversibilidades às quais os seus usos nos levariam, formular projetos que venham a explorar as virtualidades que as tecnologias transportam e decidir o que fazer com elas.

Ao serem indagados sobre as possibilidades de se trabalhar com o tema das tecnologias de forma filosófica na sala de aula do ensino médio, um dos participantes respondeu:

*Podemos problematizar a questão do progresso, até que ponto ele nos traz mudanças ou melhorias. Isso é importante que aconteça na sala de aula pra gente não descartar também a problematização de algum autor clássico. Podemos exibir um vídeo sobre isso, não necessariamente usar o texto, pois é possível pensar essas questões a partir de vídeo*

---

<sup>4</sup> Para a transcrição das falas para sujeito usa-se aqui, um nome fictício e para distinção entre grupos, tem-se Grupo 1 e Grupo 2, em que no Grupo 1 são os ex-bolsistas PIBID e atuais professores e no Grupo 2 os atuais e ex-bolsistas PIBID que ainda não atuam como professores.

*também, ou buscar vídeos de autores sobre a indústria cultural como do Adorno. Enfim, depende do enfoque que cada turma vai dar ao problema (Sueli, grupo 1).*

Aqui é importante destacar a importância e o peso que o texto filosófico representa para o trabalho em uma aula de filosofia no ensino médio. Compreendemos que a leitura e compreensão do texto é um dos passos fundamentais para o saber filosófico, não apenas no que diz respeito à compreensão dos símbolos, mas também no que se refere à compreensão da relação que é capaz de vincular a linguagem à realidade. Em meio ao culto do presente, sinalizado por Barbero (1999), questões referentes às dificuldades e aos impasses relativos à leitura e à escrita filosófica tornam-se cada vez mais presentes na aula de filosofia. Destacamos aqui a predominância dos depoimentos dos participantes dos grupos focais acerca das dificuldades da leitura e escrita filosóficas dos jovens que participaram das oficinas do PIBID. Em meio à contexto das TIC, os jovens parecem estar mais na busca de informações e ideias instantâneas do que do conhecimento e de fazer parte da construção do mesmo. Junto à isso, imensa dificuldade de escrever e ler filosoficamente. Uma das causas desse problema, que os participantes consideram ser generalizado, seria a condição cultural em que os jovens se encontram, a qual que não privilegia hábitos como o da leitura e da escrita. Temos ainda, o fato de que hoje, na maioria dos casos, a escrita é feita diretamente na tela do computador, o que permite uma escrita diferente da escrita no papel, que dependendo da sua forma, pode ser considerado um *hipertexto*, ou segundo Pierre Lévy (1999, p.56) “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor”. Para Lévy (1998), tanto o conhecimento filosófico, quanto da ciência estão estritamente vinculados à escrita à tradição impressa, que dão alcance dos discursos e permanecem inalterados no decorrer do tempo e em qualquer lugar. Essas características de permanência e de inalterabilidade que a escrita impressa proporciona, dão ao texto filosófico a capacidade de conter suas razões, fundamentos e suas próprias condições de interpretação, num fechamento semântico que é capaz de sinalizar o contexto no qual ele foi concebido. Talvez em função desse fechamento semântico que o texto filosófico possui, é que aparece a dificuldade da leitura e compreensão.

As formas de leitura mais difundidas no ciberespaço, por meio do hipertexto, parecem oferecer aos jovens exatamente aquilo que eles estão acostumados a vivenciar

na frente de seus computadores: velocidade, fluxo e fluidez. Ao passo que o texto filosófico exige tempo, exercício da calma e paciência

Outra importante e interessante abordagem dada pelo grupo dos bolsistas, durante o desenvolvimento das oficinas, foi a problematização de questões relativas à biopolítica, que permitiram a abertura, conexões e problematizações relativas à escola, a sociedade, e a relação do homem com as TIC. A partir deste conceito, foram realizadas oficinas que procuraram refletir as formas e mecanismos pelos quais se produzem modos de assujeitamento com e por meio das TIC e que tem como objetivo dar forma aos indivíduos.

Pudemos perceber, com os grupos focais, os processos de formação dos acadêmicos de filosofia que fizeram parte do projeto PIBID durante a escolha, preparação e desenvolvimento e conclusão da temática escolhida pelo grupo PIBID. Também percebemos em seus discursos as perspectivas e relações que se estabelecem entre eles e a filosofia, entre o ensino de filosofia e o cotidiano escolar, entre a filosofia e TIC.

## **Conclusões**

Com esta pesquisa, ficou evidente a presença e o crescimento das discussões sobre as questões relativas às práticas de um ensino de filosofia mais voltado para a realidade atual do jovem aluno, bem como sobre a escola como um espaço de resistência para o novo mas com possibilidades de abertura. Este movimento de mudanças, reflexões, problematizações e tensionamentos, tem acontecido tanto por parte dos pesquisadores da área do ensino de filosofia, quanto por parte das políticas públicas para a educação como no caso da implantação do PIBID nos cursos de licenciatura.

Podemos perceber a importância do PIBID dentro da instituição de formação inicial dos professores de filosofia e seu papel de fundamental importância dentro da escola onde são realizados seus projetos, cujo principal objetivo é de provocar um movimento do pensamento, o trabalho com conceitos, a reflexão sobre os problemas e conflitos humanos mais atuais.

## Referências

BARBOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Trad. Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARBERO, Jesús Martín. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. In: **Mediatamente! Televisão, cultura e educação**. Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999, p.17-40.

BRAIDA, C. R. Filosofia, Ensino e o Império do Virtual. In: **Filosofia e seu ensino: desafios emergentes**/ Org. NOVAES & AZEVEDO. Porto Alegre: Sulina, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica**. Brasília, 2009b

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Diretoria de Educação Básica Presencial – DEB. **Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência: Edital CAPES/DEB n. 02/2009**. Brasília, 2009a.

BOETTCHER, Dulci. Ciberespaço e comunicação. In: **Reflexão e ação**. Santa Cruz do SI, V.12, n.2, p. 103-124, jul/dez. 2004.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, v.1, 1999.

CÂNDIDO, Celso. A filosofia no Ciberespaço. In: **Filosofia e ensino: a filosofia na escola**. Ijuí. Ed. Unijuí, 2005.

CNE/CP 1. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**, 18 de fevereiro de 2002.

CNE/CES 492/2001. **Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia**, 03 de abril de 2001.

HEUSER, Ester Maria Dreher. Muros do estágio e da formação de professores de filosofia. **SABERES**, Natal – RN, v. 2, n.5, ago. 2010

IBERTIS, C.; CENCI, M.; RODRIGUES, R. Filosofia Online: notas sobre o uso da internet no ensino de graduação. In: **Filosofia na universidade**.Org. Maamari et all. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

JACINSKY, Edson. Os desafios educacionais da cultura audiovisual: considerações para o ensino de filosofia. In: **Filosofia e ensino: um diálogo transdisciplinar**. Ijuí. Ed. Unijuí, 2004.

LEMOS, Silvana. Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v. 35, n.3, set./dez. 2009.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: 34,1996.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência.** São Paulo: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva.** São Paulo:ed. Loyola, 1998.

MARÇAL, K. I; CRUZ, T. de Mello R. Prefácio. In: **Filosofia no Ensino Médio: Experiências com cinema, teatro, leitura e escritura a partir do PIBID.** Org. Elisete M. Tomazzeti. São Leopoldo: Oikos, 2012.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2001.

MÜLLER, Maria Cristina; EITERER, Carmem Lúcia. Filosofia na escola online: Uma proposta para a formação continuada e permanente dos professores de filosofia. In: **Filosofia e ensino: possibilidades e desafios.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

OBIOLS, Guillermo. **Uma introdução ao Ensino da Filosofia.** Ijuí, Rio Grande do Sul: Unijuí, 2002.

OLIVEIRA, Adriano Machado. **Jovens e adolescentes no ensino médio: sintomas de uma sistemática desvalorização das culturas juvenis.** Dissertação de mestrado. Santa Maria – RS. Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

\_\_\_\_\_. **Entre consumidores e internautas: a outra face da crise no ensino médio no Brasil.** Tese de Doutorado. Santa Maria – RS. Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

PALACIOS, M. Mundo digital: cibercultura, conectividade, exclusão digital, hipertexto, informática, interface, interbauta, internet, redes, sociedade da informação, telemática virtual. In: **Cultura e atualidade.** EDUFBA, 2005.

POMMER, Arnildo. Das epístolas aos E-mail: é possível ensinar filosofia a distância?In. **Filosofia na universidade.** Org. Maamari et all. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, Imigrantes digitais.** Trad. Roberta de Moraes Jesus de Souza. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001.

SCHLEMMER, E. A geração eh web e eu, o professor. E agora? In: **A educação na Sociedade dos Meios Virtuais.** Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2009.

TOMAZETTI, Elisete M. Apresentação. In: **Filosofia no Ensino Médio: Experiências com cinema, teatro, leitura e escrita a partir do PIBID**. Org. Elisete M. Tomazzeti. São Leopoldo: Oikos, 2012.

VIRILIO, Paul. **A bomba informática**. São Paulo: Estação liberdade, 1999.

\_\_\_\_\_. **O progresso científico é uma catástrofe**. [12 de Abril de 1998]. O Globo (Segundo Caderno). Disponível em:<  
<http://www.bv.fapesp.br/namidia/noticia/21734/progresso>> Acesso em: Jun. 2013.

\_\_\_\_\_. O resto do tempo. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, nº 10. Junho 1999. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3029>>  
Acesso em: 07 de Jun. 2013.